

A TRAGÉDIA CARIOCA - O FALSO DILEMA DO DESARMAMENTO

Nosso país vive um momento de particular comoção e, mais uma vez, a nossa sociedade se encontra em meio a uma discussão sobre violência e armas.

Como sempre, o tema vem à baila com um acontecimento insólito e que foge completamente do entendimento das pessoas normais, da razoabilidade, por que executado por uma mente doente que, do alto de sua completa loucura, se volta contra uma parcela dessa sociedade que não tem culpa alguma pelo fato de que um indivíduo pode estar vivendo um momento alienado e doente.

Não se pode tentar entender o porquê de um ato tão insano, pois não há lógica ética ou religiosa, qualquer que seja ela, que nos leve a entender o pensamento de um ser humano acometido de uma doença mental.

Simplesmente **não temos, no Brasil, tradição de nos preocuparmos com pessoas que apresentam comportamento diferenciado** do que seja aceito como sendo o de um padrão médio, o que seja considerado o normal para o nosso povo.

O que não se pode **é usar esse fato**, ocorrido recentemente em uma escola no Rio de Janeiro, **para reiniciar uma discussão** sobre o direito das pessoas livres, de bons costumes, de se protegerem, a seus familiares ou as suas propriedades, com o uso de uma arma.

Temos que lamentar o fato dramático ocorrido com as famílias, sendo que o Estado, em seus níveis municipal, estadual ou federal, que não cuidou da segurança daquelas crianças, deve usar de todos os seus recursos disponíveis para que os que

Assista & Reflita do Club 33

sobreviveram àquela desgraça coletiva possam, paulatinamente, ter o direito de retomarem ao seu dia-a-dia de normalidade.

Usar esse fato isolado, para tentar, mais uma vez, desarmar completamente as pessoas de bem, soa falso, demagógico, servindo para encobrir o que seja a verdadeira necessidade, o verdadeiro problema, que é o da falta de políticas públicas de segurança consistentes, de vontade e de capacidade governamental em prover essa segurança e aumentar o nível do bem-estar de nossa população.

No caso específico do fato ocorrido no Rio de Janeiro recentemente, **os agentes públicos é que não não foram capazes de propiciar a devida segurança** dentro de uma escola municipal, mantida diretamente pelos entes governamentais, de quem deve ser cobrada a total responsabilidade por ter uma pessoa adentrado àquele recinto de ensino **sem a formal e devida identificação, sem qualquer preocupação** com a segurança das instalações e das pessoas que lá estavam.

Malucos, facínoras, bandidos de toda ordem não compram armas no comércio legal, assim como não as registram nos órgãos policiais competentes.

O que não se pode é, em nome de um compreensível apelo humanista, de um tema de forte apelo sentimental e que leva a mídia a veiculá-lo com ênfase, **desviar o foco do problema principal: a incapacidade de o Estado Brasileiro propiciar a devida segurança aos seus contribuintes**, que já pagam uma taxa elevadíssima de impostos, esperando o devido retorno em serviços de toda ordem que sejam de qualidade e de acordo com as necessidades hodiernas, e não para **sustentar grupos ou entidades que pregam e agem dentro de outros modos de violência, ferindo direitos constitucionais consagrados e sob o aplauso e complacência de parcela do poder político nacional.**

A apologia à violência está estampada em nossos folhetins e programas jornalísticos diários, produzidos e operados por empresas brasileiras, dirigidas por brasileiros e que levam à banalização da violência e ao enfraquecimento da família e dos verdadeiros valores ético-cristãos.

Assista & Reflita do Club 33

Amigos, a nossa atual legislação sobre compra, guarda e porte de armas de fogo é moderna e já conta com um alto grau de restrição para a maioria do povo brasileiro, que não adquire arma clandestina pelos submundos da sociedade.

Lembrem-se, **NÃO EXISTE AUTORIDADE SEM PODER COERCITIVO!** Sem ordem, sem leis que sejam realmente cumpridas, sem uma estrutura policial compatível com as nossas necessidades, sem salários e treinamento adequados à missão desses homens e mulheres, **continuaremos a viver sob o império da insegurança e do medo**, não importando se as pessoas livres, com saúde física e mental, de bons costumes, possam ou não ter uma arma de fogo.

Raul José Ferreira Dias ()*

(*) O autor é Oficial-General da reserva, Major-Brigadeiro-do-Ar, com mais de quarenta e dois anos de ininterrupto tempo de efetivo serviço prestado à Aeronáutica e ao Brasil.

Colaboração do Ir.º. EURO